



Nome: _____ **Ano:** _____

Data: _____

Professora: Sara Videira

Lê o poema.

O Guardador de Rebanhos, XX

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,

Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia

Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

O Tejo tem grandes navios

E navega nele ainda,

Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,

A memória das naus.

5

O Tejo desce de Espanha

E o Tejo entra no mar em Portugal.

Toda a gente sabe isso.

Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia

E para onde ele vai

10 E donde ele vem.

E por isso, porque pertence a menos gente,

É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o mundo.

Para além do Tejo há a América

15 E a fortuna daqueles que a encontram.

Ninguém nunca pensou no que há para além

Do rio da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.

Quem está ao pé dele está só ao pé dele.

CAEIRO, Alberto (2001). Poesia. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 53-54.

Apresenta, de forma bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

1. Explica por que razão o sujeito poético refere que o Tejo é “mais belo” e “não é mais belo” do que o rio que corre pela sua aldeia.

2. Interpreta o sentido do verso “aqueles que veem em tudo o que lá não está” (v. 6).

3. Identifica um recurso expressivo que estruture o poema, comentando a sua expressividade.

B

Lê o início da obra *Frei Luís de Sousa*.

Ato Primeiro

*Câmera antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegância portuguesa dos princípios do século de-
zassete. Porcelanas, xarões, sedas, flores, etc. No fundo, duas grandes janelas rasgadas, dando para um
eirado que olha sobre o Tejo e donde se vê toda Lisboa; entre as janelas o retrato, em corpo inteiro, de um
cavaleiro moço, vestido de preto, com a cruz branca de noviço de S. João de Jerusalém. Defronte e para a
boca da cena um bufete pequeno, coberto de rico pano de veludo verde franjado de prata; sobre o bufete
alguns livros, obras de tapeçaria meias feitas e um vaso da China de colo alto, com flores. Algumas cadei-
ras antigas, tamboretas rasos, contadores. Da direita do espectador, porta de comunicação para o interior*

da casa, outra da esquerda para o exterior. É no fim da tarde.

Cena I

Madalena só, sentada junto à banca, os pés sobre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sobre ele, como quem descaiu da leitura na meditação.

Madalena (repetindo maquinalmente e devagar o que acaba de ler).

10

Naquele ingano d'alma ledo e cego,
que a fortuna não deixa durar muito...

– Com paz e alegria d'alma... um ingano, um ingano de poucos instantes que seja... deve de ser a felicidade suprema neste mundo. E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, pode-se morrer. Mas eu!... (*Pausa*). Oh! que o não saiba ele ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes contínuos terrores, que ainda me não deixaram gozar um só momento de toda a imensa felicidade que me dava o seu amor. Oh! que amor, que felicidade... que desgraça a minha! (*Torna a descair em profunda meditação; silêncio breve.*)

15

GARRETT, Almeida (2014). *Frei Luís de Sousa*. Porto: Porto Editora, pp. 5-7.

Apresenta, de forma bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

4. Explicita o valor simbólico do espaço descrito na didascália inicial.

5. Analisa a relação que se estabelece entre a situação de D. Madalena e a situação representada no livro lido – o episódio de Inês de Castro (*Os Lusíadas*).
